REVISTA DE GESTÃO E SECRETARIADO
MANAGEMENT AND ADMINISTRATIVE PROFESSIONAL REVIEW
ISSN: 2178-9010

Revista GeSec
São Paulo, SP, Brasil
11(2), p. 50-74
maio/ago. 2020

DOI: http://dx.doi.org/10.7769/gesec.v11i2.1054

Coworking: uma revisão sistemática

Coworking: a systematic review

Tallita Pereira Silveira[1]
Abimael Magno do Ouro Filho[2]
Silvia Regina Paverchi[3]
Nathalia Carvalho Moreira[4]

Resumo
Este trabalho pretendeu despender um olhar científico sobre o *coworking*, um espaço de trabalho compartilhado por profissionais independentes e remotos. Trata-se de um fenômeno crescente em várias cidades e diferentes nações, porém novo para a ciência (Spinuzzi, 2012; Capdevila, 2014a & 2014b; Gerdenitsch, Sheel, Andorfer e Korunka (2016). Neste contexto, foi desenvolvido um estudo com abordagem quali-quantitativo, e descritivo bibliográfico, por meio de revisão sistemática, em que a bibliometria foi utilizada para análise de dados. Neste levantamento, a maioria das obras localizadas foi de origem europeia, com abordagem qualitativa e natureza exploratória e descritiva. Em relação aos conceitos, teorias e resultados, diversos dados foram observados entre os estudos selecionados, como, por exemplo, o enfoque das pesquisas e a questão da necessidade das pessoas que utilizam os espaços *coworking* (social, econômica ou profissional). Foi oferecida atenção a esse quesito em todos os estudos localizados nesta busca, seja a necessidade em aspecto social, econômico ou profissional. Sobre a possível relação entre secretariado executivo e *coworking*, percebem-se pontos comuns na literatura dos temas. Para as possíveis dificuldades relacionadas à rotina do secretário remoto, os espaços *coworking* podem proporcionar as soluções. Sugere-se, para pesquisas futuras, estudo referente à produtividade dos usuários do *coworking* e investigação referente à questão da sustentabilidade financeira desses lugares.
Palavras-chaves: *Coworking.* Espaço de trabalho compartilhado. Secretariado Executivo.

Abstract
This paper proposed to take a scientific look at coworking, a work space shared by independent and remote professionals. It is a phenomenon present for some years and growing in numbers by several cities in different nations, but new to science (Spinuzzi, 2012; Capdevila, 2014a e 2014b; Gerdenitsch Sheel, Andorfer e Korunka 2016). In this context, a bibliographic study was developed, through a systematic review, in which bibliometrics was applied for data analysis. With a quantitative and qualitative approach, exploratory and descriptive. In this search, most of the localized works were of European origin, with qualitative approach and exploratory and descriptive nature. Regarding the concepts, theories and results a diversity data was observed between the selected studies. On the possible relationship between executive secretariat and coworking, common points are found in the literature of the themes. For possible difficulties related to the routine of the remote secretary, the coworking spaces can provide the solutions. It is suggested, for future research, a study on the productivity of users of coworking and research on the question of the financial sustainability of these

[1] Bacharel em Secretariado Executivo.
[2] Doutor em Administração, Docente na Universidade Federal de Sergipe (UFS).
[3] Doutora em Integração da América Latina, Docente na UFS.
[4] Doutora em Administração, Docente na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

places.
Keywords: Coworking. Shared workplace. Executive Secretary.

Introdução

No cotidiano, a sociedade adapta sua rotina conforme adere a novas tecnologias, transformando hábitos como realizar compras ou resolver questões bancárias por meios eletrônicos. Profissionalmente, as pessoas também estão sujeitas a mudanças, pois a globalização e os avanços tecnológicos modificaram a maneira de interagir e compartilhar informações, dentro e fora das organizações (Bonzanini, 2010; Oliveira; Silva, Santos & Souza, 2017).

Neste contexto, torna-se relevante observar os impactos destas transformações, como criação de novas formas de trabalhar e de ambientes profissionais correspondentes a esta nova realidade (Kojo & Nenonen, 2016). Dessa forma, a proposta geral deste trabalho foi despender um olhar científico sobre o *coworking* (um espaço de trabalho compartilhado por profissionais independentes e remotos).

Além das mudanças causadas pela constante evolução na tecnologia, o mercado apresenta-se exigente e competitivo, em consequência disso, os profissionais buscam atualização de suas habilidades e tarefas, o que pode causar alteração no perfil da profissão (Paes, Antunes, Santiago & Zwierzikowski (2015), como aconteceu na área secretarial. Considerando os avanços tecnológicos, o profissional de secretariado executivo (dentre outros profissionais) também é hábil para trabalhar de maneira remota (Oliveira et al., 2017). Ademais, dadas as novas possibilidades de trabalho, pretende-se analisar adicionalmente a viabilidade da atuação do secretário executivo em espaços *coworking.*

Considerando a expansão de espaços de trabalho compartilhados em diversos países e as propostas trazidas por este fenômeno é importante entender, sob ótica da literatura especializada, o que é o *coworking*? Diante deste contexto, o objetivo geral desta pesquisa foi mapear as abordagens sobre o *coworking* na literatura científica para compreender como o profissional de secretariado executivo pode atuar em espaço de trabalho compartilhado como o *coworking.* Especificamente, este trabalho também objetivou: a) Fazer o levantamento dos estudos que tratam sobre o *coworking*; b) Identificar as principais teorias adotadas para compreender o *coworking* e seus conceitos e c) Compreender a possível relação entre secretariado executivo e *coworking*, ou seja, como os secretários executivos podem atuar neste nicho.

Portanto, foi realizado um estudo bibliográfico, através de revisão sistemática. Esse tipo de revisão permite a síntese de um conhecimento científico, sua evolução ao longo do tempo e oportunidades de futuras pesquisas (Botelho, Cunha & Macedo, 2011).

Após este passo introdutório, apresenta-se o referencial teórico, que versa sobre *coworking* e profissional de secretariado executivo. Em seguida, a metodologia traz a descrição do roteiro do estudo: questões da pesquisa, caracterização, método aplicado, fontes, instrumento de coleta de dados, análise destes e limitações do estudo. Os resultados quantitativos e qualitativos são apresentados e discutidos logo depois, seguidos das considerações finais e sugestões para estudos futuros.

Referencial Teórico

2.1 *Coworking*

Segundo o *website Coworking Wiki* (s. d), o termo "*coworking*" foi utilizado pela primeira vez em 1999, por Bernie DeKoven, *designer* de jogos eletrônicos, ao referir-se ao trabalho realizado em colaboração e com apoio de novas tecnologias daquela época. Porém só a partir de 2005 o espaço físico para realizar este trabalho colaborativo começou a ser inserido no conceito, surgindo os primeiros espaços *coworking* na cidade de São Francisco (Califórnia-EUA).

No entanto, a linha do tempo apresentada pelo *website* sobre *coworking,* Deskmag (2013) informa que em 1995 haviam sido criados os primeiros espaços similares aos *coworking*, na cidade de Berlim (Alemanha), onde pessoas de diferentes formações e com interesses comuns participavam de diversas atividades. E estes lugares foram chamados de *Hacherspaces*, modelo que é considerado uma "pré-forma" para os espaços *coworking*.

Segundo o *website Coworking Wiki* (s. d) *coworking*, pode ser entendido da seguinte maneira: profissionais independentes e com flexibilidade no local de trabalho que atuam de maneira mais eficaz em grupos do que isolados. Espaços *Coworking* aludem a construções comunitárias e sustentabilidade. Os participantes concordam em defender os valores estabelecidos pelos fundadores do movimento, bem como interagir e compartilhar. Trata-se da criação de melhores lugares para trabalhar e, por consequência, maneiras de trabalhar.

Ou seja, indivíduos compartilham o mesmo espaço, porém sem haver necessariamente dependência entre suas atividades, a cooperação existente não é obrigatória. Respeitando as normas de convivência no espaço comum, os usuários interagem, em graus de intensidade

diferentes, e contribuem para a feitura do trabalho um do outro (Spinuzzi, 2012; Capdevila, 2014a). Trata-se de uma opção alternativa que promete oferecer soluções aos seus adeptos (Gandini, 2015).

A evolução e a disseminação dos meios de acesso à informação; a influência da chamada Geração "Y"; e a insatisfação com o emprego são fatores que propiciaram a mobilidade em relação às atividades laborais e a flexibilidade na comunicação, porém o desafio está em encontrar um local adequado para trabalhar (Heckler, 2012).

De acordo com Spinuzzi (2012), o desenvolvimento da tecnologia contribuiu para tornar possível o trabalho de lugar remoto e não mais apenas em salas de escritórios tradicionais. Alguns profissionais optam por trabalhar em casa, porém essa escolha traz suas desvantagens como isolamento, conflito entre as atribuições da casa e do trabalho, limite ao desenvolvimento de *network* e acesso a novas oportunidades, então uma solução para esses problemas pode ser o *coworking* (Spinuzzi, 2012).

Spinuzzi (2012) afirmou que a colaboração dos trabalhos é que torna compreensível este fenômeno. Apresenta o *coworking* como atividade colaborativa, com usuários dispostos a compartilhar e se beneficiar com esse compartilhamento de espaço, material de expediente, ideias, serviços e etc., em maior ou menor grau de intensidade, sendo esta a real motivação.

Neste quesito, ao analisar a colaboração em espaços *coworking* na cidade de Barcelona (Espanha), Capdevila (2014b) salienta que a mesma pode desenvolver-se em três maneiras: relacionada aos custos (despesas compartilhadas e economia custos de transações), baseada em recursos (recursos não só tangíveis como máquinas, mas também intangíveis como conhecimento e capacitação), colaboração relacional (trabalho em conjunto visando aproximar o grupo, com foco nos membros e na sinergia em suas atividades).

Segundo Capdevila (2014b), em Barcelona, uma das motivações para o crescente número de espaços *coworking* se dá por causa da crise econômica enfrentada pelo país, num cenário em que empresas reduzem o quadro de funcionários e colocam à disposição o espaço não utilizado, como também a dificuldade de profissionais encontrarem emprego levou a crescer a quantidade de autônomos e empreendedores (Capdevila, 2014b). Nota-se que o fator financeiro também foi apontado como razão para trabalhar em *coworking* (Heckler, 2012).

A pesquisa de Heckler (2012), em que o *coworking* foi observado como serviço, demonstrou que a principal motivação dos usuários é busca por trocas de experiências. Além deste aspecto, foram apontados a necessidade de espaço físico profissional, a facilidade de autogerenciamento nos locais, evitar solidão, ampliar o *networking* (rede de contatos), reduzir custos considerando que despesas são divididas, entre outros.

Na análise feita por Gandini (2015), em que propõe uma reflexão acerca do *coworking*, afirma que esse modelo de trabalho pode trazer benefícios aos usuários. Expõe que uma parcela dos *coworkers* é composta, além de *freelancers*, por aqueles trabalhadores que não tiveram sucesso no formato tradicional de emprego. O autor informa também que os membros se beneficiam grandemente com o capital social encontrado nestes lugares, por exemplo, aumentando a rede de clientes e colaboradores, além de superar o isolamento e ter uma experiência profissional em espaço físico adequado. No entanto, o pesquisador alerta sobre a possibilidade de ser uma "moda" passageira, tratando-se de um espaço para trabalhadores desempregados estarem vinculados durante a recessão econômica.

Por fim, esta breve revisão traz alguns esclarecimentos acerca do tema, porém, é interessante fazer um levantamento aprofundado da literatura.

2.2 O Profissional de Secretariado Executivo

O secretário executivo, assessor polivalente, multiprofissional que presta seus serviços aos líderes de diversas maneiras, essencialmente com assessoria pessoal (Sabino e Marchelli, 2009), e, considerando os avanços tecnológicos, é capaz de trabalhar de maneira remota (Oliveira et al., 2017).

De acordo com Bonzanini (2010) cabe à figura do profissional de secretariado executivo a característica de multifuncionalidade, pois na realização de suas atividades são exigidos conhecimentos e habilidades distintos. Basicamente o secretariado tem suas raízes na ciência da administração, no entanto, outras áreas de conhecimento constituem a formação do profissional, como contabilidade, sociologia, filosofia e direito (Sabino & Marchelli, 2009).

Dentre as mudanças, tecnologias evoluíram a maneira de produzir, receber e veicular informações (Lima e Souza, 2010). Os secretários podem executar e monitorar atividades virtualmente, de forma mais rápida e com menor custo, o que desencadeia novas possibilidades de empregabilidade (Oliveira et al., 2017).

Paes, Antunes, Santiago & Zwierzikowski (2015) propuseram mapear e compreender as novas maneiras de atuação do secretário executivo, considerando os impactos da globalização e avanços tecnológicos para a profissão, e consideraram as seguintes categorias: assessoria direta, *Home Office*, escritórios virtuais, *pool* secretarial, consultaria secretarial e área cooperativista.

A assessoria representa a função principal do secretário, por meio desta, junto aos gestores, ele colabora para a concretização dos objetivos organizacionais. Segundo os autores

"Essa assessoria funciona como aconselhadora, orientadora e recomendadora de sugestões, planos e procedimentos, multiplicadora de processos e prestadora de serviços especializados na área de Secretariado, enquanto atividade-meio da organização" (Paes et. al., 2015, p. 113).

Através de *Home Office*, atuam secretários ligados a empresas trabalhando de forma remota ou profissionais independentes, para tal é preciso haver confiança entre gestor e secretário, além de ser observado o perfil do trabalhador, se corresponde aos desafios de trabalhar em casa, alguém capaz de gerir o próprio tempo e monitorar a produtividade por exemplo.

Nos escritórios virtuais, os autores destacam duas possibilidades de atuação. Uma opção, sendo assessor ou gestor, coordenando os serviços prestados aos usuários destes lugares. Segunda opção, com perfil empreendedor e disponibilidade financeira, baseado em estudo, implantar um escritório virtual.

O *pool* secretarial trata-se de uma equipe de secretários executivos assessorando os líderes sem distinção ou exclusividade numa organização. Um desafio para os profissionais acostumados a trabalhar sozinhos, mas um modelo que pode dar muito certo se bem gerido.

Sobre a consultoria, os autores entendem que o profissional de secretariado executivo é consultor em sua rotina diária, pois aconselha seus superiores no auxílio para aprimoramento de processos, por exemplo. Esta consultoria também pode ocorrer por meio da prestação de serviço particular, quando o secretário que não faz parte do quadro funcional atua temporariamente na organização.

Numa cooperativa, pessoas "se unem por iniciativa própria, em prol de congregar os interesses individuais e trabalharem juntos em busca de melhores condições de mercado" (Paes et al., 2015). O perfil gestor do secretário pode facilitar o trabalho na formação e gerenciamento de cooperativas, no entanto, não é possível criar especulações sobre a profissão nesse nicho por se tratar de uma área, até então, pouco explorada pelos secretários.

No estudo realizado por Oliveira et al. (2017), dentre os resultados encontrados, vale destacar que gerir o próprio tempo e ter flexibilidade foram indicados como vantagens do trabalho em *home office*, porém, como desvantagem está a instabilidade financeira. Manter o equilíbrio entre vida profissional e pessoal foi apontado como desafio. Também foi relatado que, para o trabalho remoto, não é obrigatório equipamento de última geração, mas é preciso de aparelhagem básica como telefone, computador, acesso à internet e domínio sobre essas tecnologias, além de lugar disponível para se concentrar nas atividades, a fim de prestar serviço de qualidade (Oliveira et al., 2017).

A profissão passou por diversificadas transformações na formação, atuação e exigências do mercado, em razão da globalização e avanços tecnológicos. Nesse contexto é imprescindível que o profissional de secretariado executivo esteja em constante atualização, buscando melhoria contínua e adequando-se às novas demandas (Bonzanini, 2010). Assim como para o *coworking,* o trabalho dos secretários executivos está acompanhado de novas possibilidades e desafios.

Metodologia

Optou-se por aplicar o método de revisão bibliográfica sistemática, tipo de metodologia indicada quando o pesquisador procura aproximar-se da problemática a fim de verificar a evolução científica acerca do tema bem como detectar quais lacunas existem que possam ser exploradas posteriormente (Botelho, Cunha, & Macedo, 2011).

Foi dedicada atenção especial a publicações dos últimos 10 anos. Tanto a coleta quanto a avaliação de cada trabalho encontrado e apreciação do conteúdo dos mesmos se dará seguindo o protocolo de pesquisa (Conforto, Amaral, & Silva, 2011), o qual será apresentado a seguir.

Foi elaborado um roteiro com base no processo de revisão de literatura sugerido pelos autores Conforto et al. 2011), o qual foi adaptado para as especificidades desta pesquisa. Fase 1 “Entrada”, cujas etapas são: Definição de problema; Definição de objetivos; Estabelecimento de fontes primárias, que podem ser artigos, periódicos ou base de dados; Escolha das palavras-chave; Critérios de inclusão, ou seja, parâmetros para selecionar as obras; Critérios de Qualificação, que significa parâmetros para avaliar a importância de cada trabalho para a pesquisa; Definição do método e das ferramentas adotadas para a realização das buscas, bem como definição das etapas dessa ação; Elaboração de cronograma.

Foram estabelecidas como bases de dados o Portal de Periódicos CAPES, a plataforma da EBSCO Search e o diretório de publicações da Wiley. Através destes três canais serão feitas as buscas dos estudos sobre o *coworking*.

Aos critérios de inclusão, foram adotados parâmetros: obras relacionadas ao objeto de estudo; nos idiomas português, inglês e espanhol; considerados artigos, dissertações e teses publicados nos últimos dez anos (entre 2007 e 2017). Quanto aos critérios de qualificação, através de leitura seletiva, será observado se o material está relacionado aos objetivos e se, de fato, interessa à pesquisa.

Após, segue a Fase 2 ‘Processamento”, com as etapas: Busca (execução da coleta das obras); Análise dos resultados, sendo feito registro de cada passo e resultado em formulários.

A análise dos resultados, trata-se da rigorosa seleção através dos critérios já estabelecidos na Fase 1 e avaliação sistemática dos trabalhos selecionados, os resultados deverão ser cuidadosamente registrados. Na Fase 2, cuida-se também da Documentação e do Arquivamento, que é a organização de tudo o que foi coletado e selecionado. Por fim, elaboração de relatório, em que conste a síntese e os resultados da pesquisa.

A proposta deste estudo representa o primeiro passo para a construção do conhecimento, trata-se de uma base com resultados iniciais, limitando-se a estudo bibliográfico, sem campo, por isso provavelmente não trará respostas a questionamentos que possam surgir sobre o tema, porém pretende servir de subsídio para demais pesquisas. Além disto, buscas executadas em outras bases de dados, com recorte temporal diferente e outros métodos podem trazer resultados diferentes.

Análise e Discussão dos Resultados

Nesta seção, serão apresentados os resultados das buscas realizadas nas plataformas CAPES, EBSCO Search e Wiley, seguindo abordagens quantitativa e qualitativa.

4.1 Dados Quantitativos

Na presente revisão sistemática, foram aplicadas nas plataformas os seguintes termos de busca para o levantamento das obras: “*coworking”*; “espaço de trabalho compartilhado” e “*collaboration workplace”*. Outros termos foram testados para as buscas nas plataformas, mas foram desconsiderados por não apresentarem resultados interessantes para a pesquisa, tal como “*shared workplace”*. E adotados os critérios de inclusão estabelecidos na Fase 1.

Na plataforma CAPES, ao executar a busca com o termo “*coworking”*, resultou num total bruto de 1.461 obras, e ao aplicar os critérios de inclusão, este número reduziu para 93 obras, dentre estas, 5 obras foram selecionadas no primeiro filtro, sendo 4 artigos e 1 tese de doutorado; o termo de busca “espaço de trabalho compartilhado” resultou em 290 obras no total bruto, 32 obras após selecionar os critérios de inclusão, sendo 1 artigo selecionado no filtro 1; com o termo “*collaboration workplace”*, 155.454 obras foram o resultado bruto da pesquisa, este número baixou para 4.927 obras após inclusão dos critérios, em que um artigo foi escolhido no filtro 1.

Na plataforma EBSCO Search, utilizando o termo "*coworking"*, forma apresentadas 130 obras no total bruto, e após inclusão dos critérios, este número reduziu para 49 obras, em que 2 obras já haviam surgido nas buscas no CAPES. Sem considerar estas 2 obras em duplicidade, 5 artigos foram selecionados no filtro 1. O total bruto de 89 obras fora o resultado para o levantamento usando o termo "espaço de trabalho com partilhado", este resultado baixou para 82 obras com a inclusão dos critérios, porém, nenhuma obra foi selecionada. Utilizando o termo "*collaboration workplace"*, o total bruto resultou em 272 obras, que reduziu para 152 obras, depois de inseridos os critérios de inclusão, mas nenhuma obra foi selecionada.

A busca realizada na plataforma Wiley resultou em 88 obras, com o termo "*coworking"*, que reduziu para 49 obras após inclusão dos critérios, dentre estes, 1 artigo foi selecionado no filtro 1. Com o termo de busca "espaço de trabalho compartilhado", apenas 1 artigo apareceu no resultado bruto, mas não foi selecionado. Ao utilizar o termo de busca "*collaboration workplace"*, a plataforma apresentou o total bruto de 22.717 obras, e após inserir os critérios de inclusão, este número reduziu pata 15.185 obras, porém nenhuma obra foi considerada interessante para os fins desta pesquisa.

No filtro 2, foi observado se cada obra selecionada no filtro 1 está relacionada aos objetivos e se, de fato, interessa à pesquisa. Das 7 obras selecionadas nas buscas realizadas na plataforma CAPES, 3 obras foram descartas, sendo 4 aproveitadas no filtro 2. Das 5 obras escolhidas na plataforma EBSCO Search, 2 foram descartadas e 3 obras aproveitadas. O único artigo selecionado nas buscas no Wiley foi descartado no filtro 2. O resultado da seleção pode ser conferido no quadro a seguir:

Para melhor entendimento do resultado geral das buscas, e dos respectivos aproveitamentos, conferir dados no tabela 1:

Tabela 1.
Resultado Geral

Resultado Geral		**CAPES**	**EBSCO Search**	**Wiley**
Filtro 1	Total Bruto	157.205	491	22.806
	Selecionadas	07	05	01
	Descartadas	157.198	486	22.805
Filtro 2	Selecionadas	04	03	00
	Descartadas	03	02	01

Fonte: Elaborado pelos autores, 2017.

Dos 7 artigos resultantes, até o momento em que foi feito o levantamento, 1 publicação foi feita em 2012, 3 publicações em 2015 e 3 em 2016. As buscas foram realizadas no período de 12 de abril de 2017 a 3 de maio de 2017.

Em relação às temáticas, 3 obras seguiram a vertente referente à contribuição social que o formato dos escritórios *coworking* pode promover aos usuários, 2 obras se atentaram aos benefícios que os *coworking spaces* podem trazer para as localidades onde existem, e 2 obras adotaram uma abordagem mais exploratória do tema. A "nuvem de palavras" a seguir representa as temáticas tratadas nas obras, baseada nas palavras-chave dos artigos, gerada no sítio eletrônico *wordart.com*, seguindo a lógica de que as palavras com maior tamanho são as que aparecem com maior frequência, e o oposto acontece com as palavras menores.

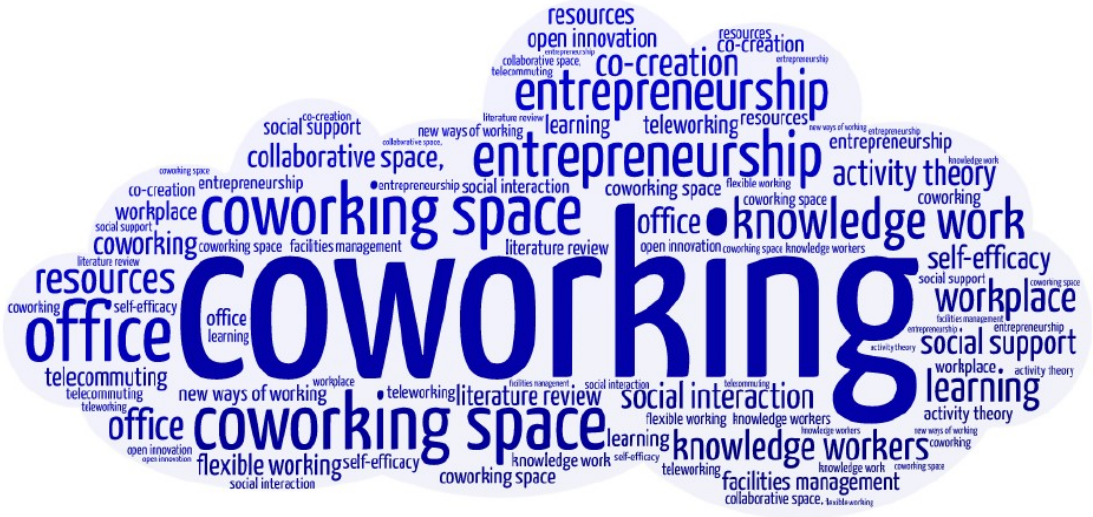

Figura 1. Nuvem de Palavras
Fonte: Elaborado pelas autoras, 2017.

Observando as palavras-chave dos artigos, interessante perceber os assuntos aos quais estão relacionados ao Paes, R. V. O. Antunes, C. K. S.; Santiago, C. S.; Zwierzikowski, M. R. (2015) *coworking*, quais sejam: empreendedorismo, conhecimento, aprendizado, recursos, suporte social, espaço colaborativo, cocriação, telecomunicação, inovação, auto eficácia, entre outros temas. Com isso, é possível afirmar que o *coworking* está conectado a demais assuntos da atualidade, um cenário rico em aspectos a serem estudados e discutidos.

Periódico	Autor(es)	Ano
Journal of Business and Technical Communication	Clay Spinuzzi	2012
Teorija in Praksa	Andrej Rus Marko Orel	2015
Ephemera - theory & politics in organization	Janet Merkel	2015
Ephemera - theory & politics in organization	Alessandro Gandini	2015

Review of Managerial Science	Ricarda B. Bouncker Andreas J. Reuschl	2016
Frontiers in Psychology	Cornelia Gerdenitsch Tabea E. Scheel Julia Andofer Christian Korunka	2016
Facilities	Inka Kojo Suvi Nenonen	2016

Figura 2. Publicação dos artigos
Fonte: Elaborado pelas autoras, 2017.

Observando as instituições nas quais os autores dos artigos são vinculados *(The University of Texas at Austin, University of Bayreuth, University of Vienna, Humboldt University of Berlin, A alto University, University of Ljubljana,* e *University of Milan),* destacam-se os países: Estados Unidos, Alemanha, Áustria, Finlândia, Eslovênia e Itália. Nesta busca, não foram encontradas obras produzidas no Brasil.

4.2 Dados Qualitativos

Este levantamento, após aplicação dos filtros propostos, resultou em 7 artigos selecionados, quais sejam: "*Working alone, together: coworking as emergent collaborative activity*, Spinuzzi (2012); "*Coworking: a community of work*", Rus & Orel (2015); "*Coworking in the city*", Merkel (2015); "*The rise of coworking spaces: a literature review*", Gandini (2015); "*Coworking-spaces how a phenomenon of the sharing economy builds a novel trend for the workplace and for entrepreneurship*", Bouncker & Reuschl (2016); "*Coworking spaces: a source of social support for idependent professionals*", Gerdenitsch et al. (2016); "*Typologies for co-working spaces in Finland – what and how?*", Kojo e Nenonen (2016). Nesta seção, serão apresentadas outras informações acerca destas obras.

São seis obras qualitativas e um artigo quantitativo e qualitativo. Apesar de alguns autores não esclarecerem a natureza da pesquisa, com base nos objetivos, nota-se, na maioria, a intenção exploratória e descritiva.

Considerando a quantidade de obras levantadas e o teor destas pesquisas, esse resultado corrobora com a afirmação de Spinuzzi (2012) e Capdevila (2014b) ao relatarem a carência de estudos sobre o assunto, o que fora reafirmado posteriormente por Gerdenitsch et al. (2016), ao explicar que embora tenha havido um aumento no número de espaços de *coworking*, a investigação científica ainda não prestou atenção adequada a este ambiente de escritório emergente.

4.3 Principais teorias adotadas

Para analisar o objeto de estudo, Spinuzzi (2012), abordou o tema como uma atividade colaborativa emergente e adotou a Teoria da Quarta Geração da Atividade (4GAT), a qual foca em observar o objeto (o que), os autores (quem), os resultados (porque) e interpretar as contradições encontradas nas explicações desses 3 fatores.

Rus e Orel (2015) focam nas mudanças ocorridas no mercado de trabalho nos últimos anos, tanto nas organizações quanto nos trabalhadores, e registram o surgimento do que chamam da "classe criativa", representados por profissionais independentes e inovadores, com demandas e aspirações específicas.

Na obra de Merkel (2015), percebe-se que o *coworking* foi analisado como uma prática social urbana recente, a qual configura novos formatos de trabalho e permite colaboração entre os usuários.

Gandini (2015) parte do princípio que a crise econômica global influenciou em transformações nas práticas de trabalho, principalmente na economia do conhecimento. Dentre estas mudanças estão o número crescente de espaços *coworking* pelo mundo, por conta disso decide investigar qual o contexto do fenômeno, numa revisão crítica da literatura.

Bouncker e Reuschl (2016) notam um aspecto ainda não explorado sobre o tema e buscam compreender como o processo acontece, para tal, adotam como plano de fundo a economia do compartilhamento.

Gerdenitsch et al. (2016) exploram as interações sociais no contexto do trabalho e analisam se podem ser uma fonte de apoio social nos espaços *coworking*, entendida como troca de recursos tangíveis ou intangíveis com a intenção de ajudar, e ainda verificam os efeitos deste apoio social para *coworkers* e para funcionários tradicionais.

Num contexto sobre globalização e evolução em tecnologia da informação e comunicação, Kojo e Nenonen (2016) expõem sobre surgimento de novas maneiras de trabalhar, de forma remota e flexível, o que provoca mudanças nos locais de trabalho, eis os espaços de trabalho compartilhados. Ao apresentarem as características gerais, as autoras se referem ao "local de trabalho baseado em atividades (ABW)" (p. 303), que consiste na opção de escolher a estação de trabalho mais apropriada, ou preferida, para realização de tarefa atual.

Destaca-se, também, que a produção sobre o tema não é vasta, apenas 7 estudos relacionados ao assunto numa busca executada em 3 bases diferentes. De alguma maneira, todas as pesquisas relatam as mudanças ocorridas em consequência da globalização e dos

avanços tecnológicos e se voltam a observar um aspecto não explorado sobre o assunto, porém sem repetir a temática pela qual seria analisado o fenômeno.

Neste levantamento, não foi localizado um artigo teórico. Em cada obra, uma teoria diferente foi aplicada e conceitos distintos utilizados. Não foi apontada nenhuma teoria formulada a partir do *coworking,* isso indica a falta de embasamento teórico consistente acerca do tema nos artigos encontrados. Estes são mais alguns aspectos que ressaltam a novidade do tema para a ciência.

Observando o enfoque de cada pesquisa, nota-se que um fator foi levado em consideração por todos os autores, a questão da necessidade dos usuários, as pessoas que utilizam os espaços *coworking*. Foi dada atenção a esse fator em todos os estudos localizados nesta busca, seja a necessidade em aspecto social (Spinuzzi, 2012; Merkel, 2015; Gerdenitsch Et Al, 2016), Econômico (Gandini, 2015; Bouncker & Reuschl, 2016) Ou Profissional (Rus & Orel, 2015; Kojo & Nenonen, 2016).

4.4 Principais conceitos

Spinuzzi (2012) toma como exemplo o conceito encontrado na página *Coworking* Wiki, no entanto o considera impreciso. O autor dedica seu estudo a compreender o objeto e seus aspectos. Como conceito, expõe o *coworking* como um espaço alternativo para trabalhar, em que há semelhanças e distinções em relação ao objeto, usuários e motivações para optarem trabalhar nestes locais. Descreve duas classes de *coworking*, que são os que englobam o trabalho em paralelo, com uma política de bons vizinhos; e o trabalho cooperativo, com uma política de bons parceiros.

Com a política de bons vizinhos, os *coworkers* concordam em colaborar um com o outro a fim de manter o local propício para realização de suas atividades, em que todos os participantes usufruem; com a política dos bons parceiros a colaboração acontece num vínculo mais forte, pois os usuários se empenham em ajudar também nas atividades particulares de cada um, numa interação mais ativa para o conjunto de *coworkers.*

Rus e Orel (2015) chamam a atenção para o desafio de conceituar *coworking*, pois pode ser visto de forma instrumental, em que pessoas em busca de estrutura para trabalho, dividem um espaço e pelas circunstâncias compartilham recursos e conhecimento, colaborando umas com as outras.

Merkel (2015) aborda o *coworking* como a prática de *freelancers* e profissionais independentes trabalharem lado a lado, porém numa configuração laboral flexível e

compartilhada. A autora enfatiza que a abordagem colaborativa trazida pelo *coworking* é o que o diferencia das demais formatações de espaços de trabalhos. Trata-se de um modelo por meio do qual são promovidos valores de: "comunidade, colaboração, abertura, diversidade e sustentabilidade".

Gandini (2015) explica que o termo *coworking* (sem hífen) caracteriza realizar o trabalho particular contando com a colaboração de outros, diferente da palavra *co-working* (com hífen), que significa um conjunto de trabalhadores executando uma atividade. Apresenta o fenômeno como uma terceira opção entre o escritório tradicional e o *Home Office*, sendo os espaços compartilhados por profissionais do conhecimento, por meio de aluguel de mesas e conexão *wi-fi* basicamente, participando de relações sociais numa rotina independente.

Bouncker e Reuschl (2016) enfatizam a economia do compartilhamento e esclarecem que isso acontece em duas vertentes: partilha de recursos físicos como a estrutura do escritório, as salas e a cafeteira, por exemplo; e a partilha de recursos intangíveis, que são as informações e ideias. Além disso, as autoras evidenciam a autonomia, flexibilidade, acesso a boa localização, interação social e pouca preocupação com questões administrativas são fatores desfrutados pelos usuários de espaços *coworking*.

O conceito de *coworking* é apresentado na obra de Gerdenitsch et al. (2016) como ambiente de escritório compartilhado por profissionais predominantemente independentes, como *freelancer* ou trabalhador remoto, apontado como possível solução para isolamento de casa, além de fornecer estrutura adequada para trabalhar e oportunidade de interação social.

Kojo e Nenonen (2016) tratam sobre locais compartilhados de forma generalizada, abordando sobre ambientes em que aspectos sociais são levados em consideração mais que em escritórios tradicionais, característica relacionada ao senso de colaboração e economia do compartilhamento, principalmente frequentados por trabalhadores independentes e/ou remotos. No entanto, quando explicam sobre espaços do tipo *coworking*, analisando como oferta, descrevem escritórios compartilhados associados a um pacote de serviços, geralmente a partir de arrendamento com curto espaço de tempo (uma hora, por exemplo).

Notam-se pontos comuns quando os autores falam em compartilhamento em suas diferentes maneiras Rus e Orel (2015), Gandini (2015), Bouncker e Reuschl (2016), Gerdenitsch et al (2016), Kojo e Nenonen (2016); colaboração Spinuzzi (2012), Merkel (2015) e Gandini (2015); flexibilidade Merkel (2015), Bouncker e Reuschl (2016); terceira opção/espaço alternativo Spinuzzi (2012), Gandini (2015), Gerdenitsch et al. (2016).

Neste aspecto, apesar de algumas concordâncias, uma multiplicidade de conceitos e definições foi coletada, por exemplo, o *coworking* analisado como espaço, prática ou oferta;

diversidade nas tipificações de interação dos usuários. Talvez, para estas diferenças, a justificativa esteja na cultura distinta de cada local em que foi realizada a pesquisa que implica em um comportamento diferente da comunidade, pois, como já apresentado, os autores dos artigos são de nacionalidades diferentes.

É possível perceber características comuns e também peculiaridades ao tratar de *coworking*, o que corrobora com o estudo de Spinuzzi (2012), ou ainda a afirmação de Merkel (2015) quando explica que o conceito está sujeito a mudanças pela própria comunidade. Como Rus e Orel (2015) disseram, conceituar este fenômeno é um desafio.

4.5 Principais resultados

Spinuzzi (2012) constatou semelhanças, mas também contradições em cada um dos aspectos, além das particularidades dos espaços *coworking*. Há um consenso em entender o espaço *coworking* como uma alternativa para trabalhar, sem o isolamento do *home Office*, as distrações de uma cafeteria ou contratação de sala de aluguel, além de proporcionar uma estrutura adequada para o trabalho. Opção para profissionais autônomos, *freelacers*, aos que prestam serviços por meio de tele trabalho ou ainda empresários.

Porém, ao observar o objeto, um dos espaços visava proporcionar um ambiente tranquilo, propício para o usuário concentrar-se, oferecendo locais específicos para as pessoas conversarem; o oposto acontece em outro *coworking*, onde é estimulada a interação entre os profissionais, a fim de trocarem ideias e até formarem parcerias em projetos, havendo locais específicos para os usuários que desejam maior tranquilidade para realizar suas atividades. Enquanto um local é reconhecido por ter um layout mais profissional e agradável aos empresários para receberem clientes, outro é apontado como ideal por proporcionar um espaço relaxante e confortável, com um design mais despojado.

Uma característica semelhante é a flexibilidade de acesso, porém muda de lugar para o lugar o quão flexível é para os usuários, bem como horário de funcionamento e preço pelo usufruto.

Ao analisar os autores, ou seja, os usuários, a maioria seguia o ramo voltado para tecnologia. E referente ao resultado, razão por optar atuar em um espaço *coworking*, todos os entrevistados relataram tentativa de trabalhar em casa ou em cafeteria, em ambos os contextos, sem sucesso. O isolamento em casa, o consumo obrigatório em cafeterias, as distrações comuns nestes ambientes e a estrutura não profissional fizeram procurar outro lugar. Fatores apontados como vantagens foram a flexibilidade oferecida a preço em conta

para acesso, troca ideias e conhecimento com os outros usuários, com possibilidade de firmar parcerias.

Em resumo, entre algumas semelhanças, o autor conclui existir a diversidade de perfis de usuários e espaços que proporcionam atmosferas distintas. Sugeriu duas classes de espaços *coworking*, que são: os que englobam o trabalho em paralelo, com uma política de bons vizinhos, e o trabalho cooperativo, com uma política de bons parceiros.

No primeiro caso, os trabalhadores interagem, possuem objetivo comum de ter um local propício para trabalhar e receber clientes, e há confiança entre eles no sentido de não se preocupar em deixar os pertences no local, não há necessariamente uma colaboração entre eles para realizarem suas atividades. No segundo caso, os usuários almejam uma atmosfera mais relaxante, em que haja cooperação e surgimento de projetos em conjunto, prestação de serviço entre eles e troca de ideias.

Rus e Orel (2015), ao buscarem descobrir a razão da atratividade dos espaços *coworking*, encontraram resposta na combinação entre trabalho e comunidade. O fator trabalho leva em consideração as novas possibilidades de atuação dos trabalhadores, incluindo a flexibilidade nas atividades; o fator comunidade considera um grupo com laços fortes o suficiente para existir partilha de ideias e conhecimento entre os integrantes, no entanto há abertura para inclusão de novos membros. Desta forma, os espaços *coworking* são uma solução para a classe criativa, um lugar com estrutura para trabalhar e propício para interagir e compartilhar.

No estudo de caso apresentado, os autores explicam como aquele espaço *coworking* surgiu, seguindo quatro fases, que são: aprendizagem (pesquisas sobre o fenômeno), construção de comunidades (reunir profissionais autônomos interessados em compartilhar um espaço para trabalho, uma vez por semana no centro cultural de Ljubljana), testes do solo (experiência de trabalhar em outro local, abertos a visitantes, como uma espécie de laboratório pré-*coworking*) e criação de comunidades (membros da comunidade mobilizados para juntos criarem o *coworking* nas instalações de uma antiga fábrica na cidade).

Os autores ainda sugerem que decisões políticas em favor de investimentos para os espaços *coworking* já existentes seriam muito importantes, pois a maioria destes espaços funciona com a sustentabilidade financeira em risco, já que a finalidade não está no lucro, mas, sim, no compartilhamento, significa que a depender da quantidade de adesões um local pode vir a fechar e deixar de abrigar uma comunidade.

Merkel (2015) conclui que os espaços *coworking,* cuja propagação ocorreu de forma intensa após crise de 2007, são uma solução para os *freelancers* e outros profissionais

independentes ou com atuação laboral flexível para fugir do isolamento de casa e da inadequação das cafeterias, por um vantajoso custo-benefício. Como exemplifica em seu artigo, numa experiência pessoal, em um espaço sentiu-se uma cliente anônima, e em outro espaço ocorreu uma recepção mais calorosa, pois foi apresentada aos demais e convidada para eventos.

A autora explica que são diversas as razões para optar por trabalhar em um espaço compartilhado (motivação social, cultura do compartilhamento, flexibilidade e economia), no entanto para a prática do *coworking* acontecer, carece da atuação do gestor. Afirma ser de fundamental importância os estímulos que o anfitrião fornece aos usuários, inicialmente estranhos uns aos outros, para a formação da comunidade *coworker*. Merkel (2015) classifica dois tipos de anfitriões: o "provedor de serviços" o qual está engajado em manter um bom ambiente para todos e uma adequada prestação de serviços, e o "visionário" é aquele dedicado a gerar interação e compartilhamento, contribuído para o fenômeno acontecer.

Merkel (2015) alerta que o processo gentrificação das cidades pode ser prejudicial aos espaços em questão, pois tornar os bairros mais elitizados e caros influencia diretamente nos custos para manter as portas abertas, e assim os gestores precisem cobrar taxas mais altas para usufruto do *coworking*, contrariando uma das características típicas destes lugares. A autora sugere para pesquisas futuras: maior aprofundamento sobre a atuação dos anfitriões, os tipos de espaços *coworking*, como este fenômeno constitui uma prática social e se relaciona com as transformações urbanas.

Gandini (2015) questiona se o *coworking* pode ser uma "bolha" na economia do conhecimento, busca entender se é uma solução para problemas dos trabalhadores modernos ou se é uma "moda" passageira. Explica que os espaços são opção para *freelancers*, profissionais que escolheram não seguir carreira numa empresa tradicional e por desempregados, considerando os benefícios econômicos, sociais e profissionais desfrutados nestes lugares.

Um ponto interessante levantado pelo autor está relacionado aos frequentadores. O usuário pode se sentir inserido em comunidade e desenvolver o aspecto social profissionalmente, ou, considerando a similaridade nas áreas de atuação dos colegas, sentir uma concorrência acontecendo entre eles. Sugere pesquisa futura sobre essa questão.

Após estudo, Gandini (2015) esclarece que ainda não se pode afirmar que ocorre uma mudança concreta cujo contexto abraça a classe criativa dos trabalhadores do conhecimento, visto que a proliferação desse modelo veio acontecer com a recessão financeira após a crise

global, ou seja, pode se tratar de um fenômeno temporário que abriga profissionais não bem estabelecidos.

Quanto ao modelo conceitual, Bouncker e Reuschl (2016) afirmam que o *coworking* proporciona o auto emprego, por questão de escolha ou consequência do desemprego, e fazem associação ao desempenho, em que a aprendizagem entre os usuários impulsiona o desempenho individual, entendendo o compartilhamento como facilitador para a criação colaborativa de bens e serviços, proporcionando benefício de forma econômica e empresarial.

As autoras explicam ainda que a confiança e a comunidade contribuem para que haja a aprendizagem, no entanto, alertam sobre o risco do oportunismo, ou seja, do uso indevido das informações coletadas por algum usuário, como também do risco da distração no trabalho. Para pesquisas futuras Bouncker e Reuschl (2016) sugerem estudo aprofundado sobre as razões não-econômicas para trabalhar em um espaço compartilhado, investigação da eficácia dos trabalhos desenvolvidos nos espaços *coworking*, desafios e riscos relacionados ao tema e teste do modelo conceitual criado por elas mesmas.

Ao revelarem os resultados dos dois estudos propostos, Gerdenitsch et al. (2016) expõem que a interação entre os usuários se torna apoio social, entendido como troca de recursos tangíveis ou intangíveis com a intenção de ajudar, é este o resultado do estudo 1, após aplicação de questionários a uma amostra de 69 *coworkers*, de 8 espaços *coworking* diferentes.

São identificadas 4 categorias de apoio: interação social informal (interação básica, como tomar café em conjunto), troca de informações (conversam sobre trabalho e projetos), apoio instrumental (prestam ajuda como *feedback*, *brainstorming* ou *coaching*) e colaboração (quando os colegas se envolvem um no projeto do outro, trabalham juntos). Não é possível afirmar que todo usuário se envolve em interação social, mas percebe-se que apoio social é uma realidade nos espaços *coworking*.

No segundo estudo, Gerdenitsch et al. (2016) identificam os efeitos desse apoio social, comparando os resultados entre os *coworkers* (amostra de 154 pessoas) e colegas tradicionais (amostra de 609 funcionários), ambas as amostras contam com participação internacional, sendo a maioria dos voluntários europeus. Os autores testam as seguintes hipóteses: 1 – apoio social está positivamente associado à satisfação com desempenho auto avaliado; 2 – a auto eficácia medeia o apoio social e a satisfação de desempenho; 3 – este efeito mediador é mais forte quando houver maior pressão do tempo. A fim de encontrar as respostas, os questionários abordaram temas acerca de suporte social, pressão do tempo, auto eficácia, satisfação do desempenho, além de questões para identificar o perfil da amostra.

A primeira hipótese mostra-se realidade nas duas formas de trabalho, *coworking* e escritório tradicional; a segunda hipótese é sustentada apenas nos ambientes tradicionais de emprego; e a hipótese três foi apoiada apenas pela amostra de *coworkers*. Sobre o perfil, a maioria (83%) afirma interesse em envolver-se em interação social como principal razão para trabalhar em espaço *coworking*. Gerdenitsch et al. (2016) explicam que escritórios compartilhados facilitam o apoio social, mas também devem cuidar de satisfazer outras necessidades como oferecer a opção de ambientes tranquilos para realização de trabalhos que exigem maior concentração do profissional. Para pesquisas futuras, sugerem explorar outros aspectos da atmosfera social; investigar antecedentes, ativadores e consequências no contexto do suporte social no *coworking*; pesquisar os efeitos negativos deste cenário.

Kojo e Nenonen (2016) constroem uma tipologia conforme o objetivo proposto. Observam a variedade de espaços compartilhados sob a perspectiva de dois eixos, a lucratividade: sem fins lucrativos (bibliotecas ou cafeterias, por exemplo, apesar de ser preciso consumir algo para estar em uma cafeteira) ou com fins lucrativos (incubadoras e estúdios, por exemplo); e a acessibilidade: público, semi-público ou privado, que podem ser sobrepostas, em um momento serem ofertados programas para usuários habituais e em outro momento serem realizadas tarefas abertas ao público em geral, no entanto as duas situações acontecerem no mesmo local.

Quanto aos espaços como *coworking*, a utilização implica em custo, conforme o uso, geralmente no tempo de 1h ou mais, e requer uma pré-inscrição do usuário. Frequentados na maioria das vezes por *freelancers* e proprietários de pequenas empresas, porém donos de empresas maiores podem usufruir destes ambientes em ocasiões eventuais.

Os pacotes de serviços oferecidos variam em cada local, alguns disponibilizam o básico como cadeiras, mesas, conexão à internet, máquina de café, acesso a sala de reuniões e serviço de limpeza, outros lugares ofertam diferenciais que incluem armário, cozinha, jornal, locais para eventos e ambientes silenciosos para atividades que requeiram maior concentração. O apoio a atividades colaborativas são realidade em alguns destes locais, em outros, não.

Kojo e Nenonen (2016) concluem que a tipologia esclarece a diversidade dos espaços compartilhados e evidenciam a necessidade de serem ofertadas soluções para trabalho cooperativo. Como limitação do estudo, as autoras apontam o fator geográfico, e, para pesquisas futuras, sugerem experimento com diferentes culturas e análise do comportamento relacionado à escolha do profissional em atuar em um espaço compartilhado.

No que se refere à promessa de trazer soluções aos trabalhadores independentes e remotos, dos 7 artigos selecionados, 6 deles trazem resultados que mostram um cenário positivo, que corroboram com a expectativa, e 1 artigo expõe resultado positivo, porém com ressalva (Gandini, 2015).

Ao observar os dados gerados nos estudos mencionados, algumas questões valem ser destacadas. Rus e Orel (2015) apontam que uma possível fraqueza do espaço *coworking* está na 'sustentabilidade financeira' em manter o local em funcionamento e Merkel (2015) alerta que o processo de elitização de bairros pode ser ruim para os espaços *coworking*, pois em consequência disso ser preciso aumentar o preço pelo usufruto e tornar caro frequentar a lugar. No entanto, no próprio artigo de Merkel (2015), como também do trabalho de Gandini (2015), relata o crescimento no número de espaços *coworking* após a recessão econômica global de 2007/2008, por conta do compartilhamento das despesas que acontece nesses lugares, vantajoso para os usuários e para aqueles que estão compartilhando o lugar, os anfitriões.

Outro ponto importante a ser observado está no questionamento de Gandini (2015), sobre como os usuários se sentem em um espaço de trabalho compartilhado. Se à vontade em comunidade, socializando profissionalmente, ou se entre concorrentes, ao lado de profissionais da mesma área. Estes são aspectos que necessitam de mais pesquisas, a fim de serem explorados e esclarecidos.

4.6 Como secretários executivos podem aproveitar este tipo de organização de trabalho?

Os discursos sobre *coworking* e área secretarial tem algo em comum, ambos têm tratado sobre novas possibilidades de trabalho e também novos desafios. Então, é interessante questionar se estes dois contextos podem se combinar, como secretários executivos podem aproveitar este tipo de organização de trabalho?

Nesta pesquisa, não há a intenção de fazer afirmações, dada a natureza do estudo, mas relacionar a literatura dos dois temas e levantar algumas proposições pertinentes, as quais serão discutidas a seguir.

A atuação do profissional de secretariado mudou, e continua mudando, considerando a globalização e desenvolvimento tecnológico, transformando o modo de trabalhar, sendo possível o trabalho remoto (Paes et al., 2015). Este cenário pode trazer novos obstáculos (Oliveira et al., 2017) e o *coworking* pode ser a solução.

Para a assessoria virtual, não é obrigatório ter equipamento de última geração. Importante que os secretários tenham o básico como telefone, computador, acesso à internet e domínio sobre essas tecnologias, no entanto pode utilizar de outras aparelhagens tecnológicas com a intenção de prestar o atendimento de qualidade (Oliveira et al., 2017). Em espaços *coworking* podem ser desfrutados equipamentos e conhecimentos compartilhados pela comunidade (Bouncker & Reuschl, 2016).

Os secretários remotos participantes da pesquisa de Oliveira et. al. (2017) relataram o desafio de manter o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal. Pesquisas apontam que usuários de *coworking* tentaram trabalhar em *home office* ou cafeterias, mas não tiveram sucesso por conta das distrações e dificuldade de separar vida pessoal e profissional, encontraram no espaço compartilhado a resposta para o que precisavam, pois têm acesso a um lugar propício para o trabalho (Spinuzzi, 2012; Merkel, 2015).

Além disso, assessores virtuais precisam de lugar propício para se concentrar e trabalhar com qualidade (Oliveira et al., 2017), porém nem sempre os trabalhadores remotos conseguem essa tranquilidade em *home office*, eis a oportunidade trazida pelo *coworking*, proposta de ambiente profissional para este perfil de usuário, por se tratar de um espaço planejado para tal finalidade (Spinuzzi, 2012; Merkel, 2015).

Outro ponto levantado no estudo de Oliveira et al. (2017) é a instabilidade financeira apontada pelos secretários remotos como desvantagem em trabalhar de forma autônoma em comparação aos vínculos empregatícios tradicionais. Os espaços compartilhados podem oferecer um apoio no requisito financeiro, pois os usuários usufruem de ambiente profissional e dividem as despesas, reduzindo o custo entre eles (Heckler, 2012; Gandini, 2015).

Além destes aspectos, válido ressaltar que, ao trabalhar em *home office*, os trabalhadores remotos estão vulneráveis ao isolamento e à limitação do *networking* (Spinuzzi, 2015; Gandini, 2015; Bouncker & Reuschl, 2016), em razão disso pode ser melhor para os secretários remotos atuar em espaços *coworking.* Com isso poderão interagir com demais profissionais e ainda desfrutar do compartilhamento de conhecimentos e ideias ao participarem da comunidade (Capdevila, 2014a; Rus & Orel, 2015).

Considerações Finais

A presente pesquisa propôs despender um olhar científico sobre o *coworking*, a fim de compreender melhor este fenômeno. Por conta disso, buscou-se mapear as abordagens sobre o

coworking na literatura, que foi executado em estudo bibliográfico, através da revisão sistemática.

Primeiramente, foi feito o levantamento dos estudos que trabalharam o tema. Nas bases de dados escolhidas (Portal de Periódicos CAPES, a plataforma da EBSCO Search e o diretório de publicações da Wiley), foram realizadas as buscas e aplicados os critérios de inclusão e qualificação para selecionar as obras pertinentes a esta pesquisa. Sete artigos selecionados, sendo uma publicação de 2012, três de 2015 e três de 2016. Obras originadas em nacionalidades diferentes, porém notou-se maior produção na Europa.

Quanto às características, foram seis obras qualitativas e um artigo quantitativo e qualitativo. Sobre a natureza das pesquisas, com base nos objetivos, observou-se, na maioria, a intenção exploratória e descritiva. Considerando a quantidade de obras e o teor destas pesquisas, nota-se a carência de estudos sobre o assunto (Capdevila, 2014b; Gerdenitsch et al., 2016).

Buscou-se identificar as principais teorias adotadas para compreender o *coworking*. Em cada obra, uma teoria diferente foi aplicada. Não foi apontada nenhuma teoria formulada a partir do *coworking,* isso indica a falta de embasamento teórico consistente acerca do tema nos artigos encontrados. Observando o enfoque das pesquisas, nota-se que um fator foi levado em consideração por todos os autores: a questão da necessidade das pessoas que utilizam os espaços *coworking*. Foi dada atenção a esse quesito em todos os estudos localizados nesta busca, seja a necessidade em aspecto social, econômico ou profissional.

Em relação aos principais conceitos criados para o *coworking,* uma multiplicidade de definições foi coletada, sendo considerado como espaço, prática ou oferta; diversidade nas tipificações de interação dos usuários e configuração dos lugares. No entanto, também houve pontos comuns quando os autores se referem ao compartilhamento em suas diferentes maneiras, à colaboração e a apresentação do *coworking* como terceira opção ou espaço alternativo. Importante lembrar que o conceito está sujeito a mudanças (Merkel, 2015).

Dentre os principais resultados destes estudos, depreende-se que existe diversidade em relação ao conceito, perfil do usuário, razão em escolher o *coworking* (Spinuzzi, 2012) e nível de acessibilidade (Kojo e Nenonen, 2016), que espaços compartilhados são ideais para a classe criativa de trabalhadores (Rus & Orel, 2015) e a atuação do gestor nesses lugares é fundamental (Merkel, 2015). Porém, é preciso ter atenção em relação à possível efemeridade desse fenômeno (Gandini, 2015).

Também é possível compreender que o *coworking* contribui para gerar o auto emprego, que a comunidade proporciona a aprendizagem, impulsionando o desempenho do

trabalhador (Bouncker & Reuschl, 2016) e a interação entre os usuários é uma forma de apoio social (Gerdenitsch et al. 2016).

Sobre a possível relação entre secretariado executivo e *coworking*, percebem-se pontos comuns na literatura dos temas, pois ambos tem tratado sobre novas possibilidades de trabalho e novos desafios, considerando a globalização e avanços tecnológicos. Para as possíveis dificuldades relacionadas às questões de produtividade, de finanças, de equilíbrio entre vida profissional e pessoal e de manutenção de *networking* na rotina do secretário remoto, os espaços *coworking* podem proporcionar as soluções.

O presente trabalho limitando-se a estudo bibliográfico, sem ida a campo, por isso provavelmente não trará respostas a muitos questionamentos que possam surgir sobre o tema, porém pretende servir de subsídio para demais pesquisas. Além disto, buscas executadas em outras bases de dados, com diferente recorte temporal e outros métodos podem trazer resultados diferentes.

Sugere-se para pesquisas futuras, um estudo referente à produtividade dos usuários do *coworking* comparada a dos trabalhadores de ambientes tradicionais, a fim de perceber os benefícios prometidos pelos espaços compartilhados nos resultados da comunidade. Uma investigação referente à gestão e funcionamento dos espaços *coworking* que possa inferir a questão da sustentabilidade financeira desses lugares.

Referências

Bonzanini, S. H. S. (2010). O profissional de Secretariado Executivo nas relações internacionais. *Revista de Gestão e Secretariado*, São Paulo, 1(2) 143-162, jul./dez. Recuperado em 26 dezembro, 2017, de https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/28/86

Botelho, L. L. R., Cunha, C. C. de A., & Macedo, M. (2011). O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade (UFMG)*, Belo Horizonte, 5(11), 121-136, mai./ago. Recuperado em 23 fevereiro, 2017, de https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1220/906

Bouncken, R. B., & Reuschl, A. J. (2016). *Coworking*-spaces: how a phenomenon of the sharing economy builds a novel trend for the workplace and for entrepreneurship. *Review of Managerial Science*, [S. l], set. Não paginado. Recuperado em 8 dezembro, 2017, de https://link.springer.com/article/10.1007/s11846-016-0215-y

Capdevila, I. (2016). Knowledge dynamics in localized communities-*Coworking* spaces as microclusters. *SSRN Electronic Journal*, [S. l], p. 1-18, jan. 2014a. Recuperado em 20 julho, 2016, de https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2414121

Capdevila, I. (2014). Different Inter-Organizational Collaboration Approaches in *Coworking* Spaces in Barcelona. *SSRN Electronic Journal*,1-30, ago. b. Recuperado em 20 julho, 2016, de https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2502816

Conforto, E. C., Amaral, D. C. & Silva, S. L. da. (2011). Roteiro para revisão bibliográfica sistemática: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos. In: Congresso brasileiro de gestão de desenvolvimento de produto, 2011. Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

Coworking Wiki. (2017). *What is coworking?* Recuperado em 20 julho, 2017, de http://wiki.coworking.org/ w/page/16583831/FrontPage

Deskmag. (2013). *The History Of Coworking In A Timeline*. Recuperado em 20 julho, 2017, de http://www.deskmag.com/en/the-history-of-coworking-spaces-in-a-timeline

Ferenhof, H. A., & Fernandes, R. F. (2016). Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SSF. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, 21(3) 550-563, ago./nov. Recuperado em 16 fevereiro, 2017, de https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1194/pdf

Gandini, A. (2015). The rise of *coworking* spaces: A literature review. *Ephemera: theory& politics in organization*, 15(1) 193-205. Recuperado em 20 julho 2017, de http://www.ephemerajournal.org/contribution/rise-coworking-spaces-literature-review

Gerdenitsch, C., Sheel, T., Andorfer, J., & Korunka, C. (2016). *Coworking* spaces: A source of social support for independent professionals. *Frontiers in psychology*, 7(1) 1-12, abr. Recuperado em 20 julho 2017, de https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00581

Heckler, H. (2012). *Pesquisa de comportamento de consumo de escritórios coworking*. 90 p. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Administração) - Universidade Federal do rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

Kojo, I, & Nenonen, S. (2016). Typologies for co-working spaces in Finland–what andhow? *Facilities, Espoo*, 34(5) 302-313. Recuperado em 3 de maio, 2017, de http://www.emeraldinsight.com/doi/full/10.1108/F-08- 2014-0066

Merkel, J. (2015). *Coworking* in the city. *Ephemera: theory & politics in organization*, [S.l], 15(1) 121-139. Recuperado em 17 abril, 2017, de http://www.ephemerajournal.org/sites/default/files/pdfs/contribution/15-1merkel.pdf

Oliveira, A. M., Silva, J. E. F., Santos, T. J., & Souza, E. C. P. (2017). Secretariado remoto: é possível conciliar a vida profissional com a vida pessoal? *Revista Expectativa (Unioeste)*, Toledo, 16(16), 1-19, jan./jun. Recuperado em 26 dezembro, 2017, de http://saber.unioeste.br/index.php/expectativa/article/view/15864/11734

Paes, R. V. O., Antunes, C. K. S., Santiago, C. S., & Zwierzikowski, M. R. (2015). Novas Formas de Atuação do Profissional de Secretariado Executivo. *Revista de Gestão e Secretariado*, São Paulo, 6 (1) 99-125, jan./abr. Recuperado em 26 dezembro, 2017, de https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/318/pdf_64

Rus, A., & Orel, M. (2015). *Coworking*: a community of work. *Teorija in Praksa, Liubliana*, 52 (6) 1017-1038. Recuperado em 7 setembro, 2017, de http://dk.fdv.uni-lj.si/db/pdfs/TiP2015_6_RusOrel.pdf

Sabino, R. F., & Marchelli, P. S. (2009). O debate teórico-metodológico no campo do secretariado: pluralismos e singularidades. *Cadernos Ebape. BR*, Rio de Janeiro, 7(4) 607-621, dez. Recuperado em 26 dezembro, 2017, de https://doi.org/10.1590/S1679-39512009000400006

Silveira, D. T., & Córdova, F. P. (2009). A pesquisa científica. In: Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2009. cap. 02, p. 31-42. Recuperado em 11 julho, 2017, de http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf

Lima e Souza, R. A. (2010). O profissional do secretariado e seus desafios no contexto da sociedade globalizada. *Secretariado Executivo em Revist@ (UPF)*, Passo Fundo, 6, Não paginado. Recuperado em 26 dezembro, 2017, de http://seer.upf.br/index.php/ser/article/view/2099/1315

Spinuzzi, C. (2012). Working alone together: *Coworking* as emergent collaborative activity. *Journal of Business and Technical Communication*, [S. l], 26 (4) 399-441, Recuperado em 12 abril, 2017, de https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1050651912444070

Submetido em: 21.12.2019
Aceito em: 11.04.2020